

## Medicina, milagres e evidência

### *Medicine, miracles and evidence*

*“A capacidade de cometer pequenos erros é a verdadeira maravilha do DNA. Sem essa característica especial, ainda seríamos bactérias anaeróbias e não haveria música”.*

**Lewis Thomas**

*“The controlled clinical trial means merely introducing the ordinary accepted criteria of a good scientific experiment”.*

**Sir George Pickering**

Há alguns meses, um jornal diário ocupou três páginas com uma longa reportagem sobre curas extraordinárias, mais ou menos miraculosas, que escapam à compreensão dos médicos e sobre as quais eles não gostam de se pronunciar\*. E uma das “caixas” do artigo terminava com esta frase deliciosa: *“Alguns casos chegam para constatar como a medicina ainda não descobriu tudo”.*

É, sem dúvida, um texto curioso, do qual se podem tirar várias conclusões. A primeira é esta: quem acredita em curas extraordinárias e em milagres parece aceitar que a opinião dos médicos é qualquer coisa de inquestionável e infalível, não lhe passando pela cabeça que curas aparentemente sobrenaturais possam, afinal, ter explicação em simples erros de diagnóstico. (Esta profissão de fé nos médicos e na Medicina não deixa de ser extremamente moralizante para uma profissão tão maltratada nos últimos tempos).

A segunda conclusão é que os que assim falam julgam que os fenómenos biológicos obedecem a uma lógica e são, por isso, disciplinados e previsíveis. Não têm a noção de que, em resultado de uma distribuição “gaussiana”, algumas doenças se comportam, por vezes, de forma atípica e inesperada, fugindo às regras consideradas biologicamente consensuais.

Finalmente, a terceira e última conclusão: quem, como o autor da peça jornalística, reconhece subitamente que a Medicina ainda não descobriu tudo é porque, provavelmente, pensava que ela já não tinha mais nada para descobrir, o que, infelizmente para todos nós, está longe de ser verdade.

Posto isto, não vou envolver-me na interessante mas arriscada discussão sobre o que é a Medicina. Uma arte, uma ciência ou, como dizia Ortega y Gasset, apenas uma profissão que vai buscar à ciência os resultados de pesquisas que se revelam eficazes. Mas talvez seja altura de recordar que a evolução dos conhecimentos médicos nos últimos séculos faz lembrar o “Jogo da Gló-



ria”: ora se avança várias casas, ora se fica na mesma casa sem jogar, ora se recua e, por vezes, até se volta ao princípio.

A questão que aqui nos interessa analisar é esta: a prática médica ou, se quiserem, a clínica, é uma actividade complexa que se apoia nas ciências básicas, na experiência pessoal, nas tradições, na intuição e no conhecimento empírico, e em que o *charme*, a simpatia e, não raras vezes, os interesses financeiros fazem também parte de um jogo complexo que contribui para o resultado final. Todos nós, médicos, sabemos isso e sentimos a necessidade de basear a nossa actuação não apenas nesta confusa constelação, mas em dados confirmados cientificamente.

Foi precisamente esta preocupação que fez nascer, nos países anglo-saxónicos, uma metodologia que dá pelo nome de “Evidence-based Medicine”. Traduzindo à letra, “Medicina baseada na evidência”.

Trata-se de um modelo diferente de acesso à informação médica ou, provavelmente, de um novo paradigma cujo objectivo é a procura sistemática de uma actuação clínica rigorosa, fundamentada em dados científicos. Porque, ao contrário do que pensava o autor da peça jornalística citada atrás, há muita, mesmo muita coisa que a Medicina ainda não sabe.

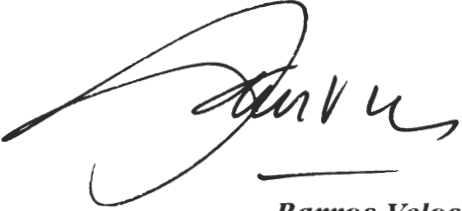
Não me vou deter na análise crítica desta nova metodologia que, aliás, já tive ocasião de abordar\*\*. Mas não quero deixar de registar que, tratando-se de uma nova perspectiva da Medicina que tende a desvalorizar conceitos clássicos, tais como a autoridade fundamentada na experiência e os raciocínios baseados na

fisiopatologia, levanta muita poeira, alimenta paixões e extrema posições.

De um lado, colocam-se aqueles para quem a “Medicina baseada na evidência” não é senão uma forma de “fundamentalismo”. Do outro lado, situam-se os que defendem este novo paradigma, face às grandes transformações verificadas nas últimas três décadas, a saber: importância dos ensaios clínicos (mais de 500.000), desenvolvimento dos estudos de epidemiologia clínica, e sobrecarga maciça de informação (cerca de 2 milhões de artigos por ano em 20.000 revistas médicas).\*\*\*

É por estas razões que a revista “Medicina Interna” acolhe, com especial prazer, dois artigos, um da autoria de António Vaz Carneiro e outro de Rui Moreno, que exprimem duas posições diferentes sobre esta controversa matéria. Desejamos assim contribuir para o deba-

te sobre um assunto tão actual, que esperamos venha a alargar-se a outros membros da classe médica.



**Barros Veloso**

\*A *CAPITAL*, 19 de Janeiro de 1998

\*\*Evidence-based Medicine: a arte e o ofício. *Tempo Medicina*, 2 de Fevereiro de 1998, pág. 24

\*\*\*Jordi M. Gol Freixa. *La medicina baseada em la evidencia*. *JAMA (edición española)*, 1997: 5